



Villa Digital

nº 11 | 14 de outubro de 2021

A coleção Brito Alves e a história visual: imagens e imaginários em rótulos

Igor Calado

A Coleção Brito Alves reúne rótulos de cigarros de Pernambuco (e de outros lugares) do final do século XIX e início do século XX. É composta por 1.252 itens que começaram a ser colecionados pelo comerciante Vicente de Brito Alves. O trabalho foi continuado por seu filho, o advogado José de Brito Alves. Este último faleceu em 1963, e a coleção foi doada pela sua família ao então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais já no ano seguinte.

Estes rótulos dizem muito sobre os hábitos de consumo, propaganda, imaginário visual e artes gráficas da época e dos lugares em que circularam. Em oposição a obras de arte, livros e outros materiais pensados “para durar”, os rótulos entram na categoria de impressos “efêmeros”: materiais banais, de vida útil curta e que não costumam ser guardados ou colecionados, como tickets, papéis de carta personalizados e cartazes. Vistos muitas vezes como obras menores, os impressos efêmeros são, todavia, uma incrível janela para se conhecer detalhes pequenos e prosaicos de outros tempos.



A impressão de materiais numerosos e baratos, como são a maioria dos efêmeros, tornou-se possível em grande medida pelo desenvolvimento da tecnologia da litografia, um método de gravura que revolucionou o campo das artes e da produção gráfica no século XIX. Desenvolvida por volta de 1798 por Alois Senefelder na Baviera, hoje parte da atual Alemanha, a técnica consiste em trabalhar quimicamente a superfície de uma matriz de impressão — geralmente uma pedra calcária — a fim de criar zonas que repelem ou atraem substâncias gordurosas. Depois do tratamento, uma tinta oleosa pode ser aplicada sobre a matriz, mas só irá "grudar" sobre as zonas que atraem gordura. Por meio da manipulação dessa diferença química, é possível criar áreas com e sem tinta e formar desenhos.

A técnica se disseminou por Alemanha, França e Inglaterra na década de 1800; a partir de 1815, espalhou-se rapidamente pelo resto da Europa e por diversos países da América. A primeira oficina brasileira foi instalada no Rio de Janeiro, então capital do país, em 1825. A litografia servia para diversos usos: reprodução de obras de arte já existentes; criação de obras artísticas originais; ilustração de livros; impressão de circulares, cartazes, partituras musicais; e para a impressão de rótulos comerciais para bens de consumo, como alimentos e bebidas (particularmente doces, licores e outras bebidas alcoólicas), remédios e produtos derivados do fumo, como rapé, cigarros e charutos.



O século XIX viu, ao mesmo, tempo um aprofundamento da cultura de consumo e uma explosão de produção de impressos gráficos — daí a expansão das marcas como forma de



diferenciação entre produtos concorrentes e de segmentação de público, o que se manifesta pela identidade visual aplicada a materiais publicitários e embalagens.

Os rótulos de cigarros da coleção tinham originalmente o formato de caixas, ou mesmo de faixas (com as quais se enrolavam charutos ou cigarros), que foram desdobradas, planificadas e coladas sobre uma prancha pelos seus proprietários originais. A maior parte dos itens é oriunda de Pernambuco, mas há também exemplares do Rio de Janeiro, da Paraíba e de outros lugares.

Os rótulos contêm imagens e textos, com grande diversidade no uso da tipografia. Entre as informações presentes, costumam constar a província ou estado de origem, o nome da fábrica, o endereço da loja, a marca, o impressor e outros dados do produto.



Já os artefatos visuais comumente incluem listéis (letreiros que simulam flâmulas) onde estão escritos os nomes das marcas, figuras centrais (que constituem o principal elemento gráfico) e elementos adicionais (como figuras ou artefatos que servem para emoldurar a figura central, a exemplo de querubins, folhagens, molduras etc.). As figuras centrais mais comuns incluíam crianças, mulheres em poses supostamente sensuais, homens vestidos à moda da cidade, indígenas, retratos de personalidades locais, nacionais (o imperador) e internacionais (geralmente líderes políticos estrangeiros de renome), cenas bem-humoradas,



brasões, representações dos edifícios ligados à fábrica, querubins, estrelas, animais, vegetação ligada ao fumo e outras plantas.



Os rótulos são feitos com papéis de diferentes cores, que interagem com as cores da impressão. Os desenhos são geralmente impressos com uma única cor (monocromia) ou duas, mas não é difícil encontrar exemplos com três e mesmo quatro cores de tinta diferentes (fora a cor do papel). As cores mais comuns nas tintas são tons de preto, azul e verde, seguidos por vermelho, laranja e amarelo. Na litografia, cada cor utilizada implica na preparação de uma matriz diferente e uma nova passagem do rótulo na prensa, tornando o processo mais complexo. Além disso, é necessário garantir o registro das impressões, ou



seja, fazer com que cada impressão de cor se encaixe corretamente. Quando isso não acontece, é fácil notar que os registros apresentam impressões desalinhadas (um defeito bastante comum).



O conjunto da coleção já serviu de fonte documental para diversas pesquisas, como História em Rótulos de Cigarro, publicada pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais em 1971 e de autoria de Mauro Mota, um dos pesquisadores da casa. Mais recentemente, figurou na dissertação Cinco Décadas de Litografia Comercial no Recife: por uma história das marcas de cigarros registrada em Pernambuco, 1875-1924, defendida por Edna Lucia Oliveira da Cunha Lima para o Mestrado em Design da PUC-Rio em 1998 — trabalho que se tornou referência no tema.



A Coleção Brito Alves está digitalizada e pode ser consultada online no site da Villa Digital. Além dela, a Fundação Joaquim Nabuco possui outras coleções de rótulos comerciais de outros gêneros de produtos, como cachaças e doces do século XX. E, fora da Fundaj, também há coleções de rótulos e marcas de cigarros de Pernambuco em outras instituições, como a de registros oficiais guardados pela Junta Comercial desse estado.

O AUTOR



Igor Calado é recifense, bacharel em Cinema e Audiovisual pela UFPE (2017) e monitor na Villa Digital da Fundação Joaquim Nabuco. Desenvolve pesquisas na área de história da imagem.

COMO CITAR ESSE TEXTO

CALADO, Igor. A coleção Brito Alves e a história visual: imagens e imaginários em rótulos. (Artigo). In: Coletiva - Villa Digital. Publicado em 14 out. 2021. Disponível em <https://www.coletiva.org/villa-coletiva-n11-colecao-brito-alves-historia-visual-imagens-imaginarios-rotulos-por-igor-cal>. ISSN 2179-1287.